



NARRATIVAS DE SI: AS EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS DOS INDÍGENAS SOBRE A COVID-19

Vânia Maria Torres Costa¹

Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Alda Cristina Costa²

Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo: Compreender os povos indígenas e suas experiências comunicativas com a Covid-19 é a proposta deste artigo. Ao produzir suas narrativas, eles tornam-se protagonistas de um ‘outro’ jornalismo. Parte-se do contexto de que a pandemia tem atingido de forma devastadora esses povos e seus territórios, situação agravada pela falta de assistência do Governo Federal. Nosso *corpus* são as produções audiovisuais abrigadas no site ‘emergenciaindigena’, criado para publicizar informações sobre os povos indígenas e seus enfrentamentos diante do coronavírus. Busca-se o entendimento das narrativas de ‘si’ como a mediação entre as experiências comuns dos sujeitos e seus diferentes contextos, a partir de Paul Ricoeur, Mikhail Bakhtin e Luiz Gonzaga Motta. Os conteúdos do site foram observados enquanto estratégias argumentativas e de visibilidade, assim como suas intencionalidades para aqueles que são seus protagonistas.

Palavras-chave: Audiovisual; Povos indígenas; Narrativas de si; Emergenciaindigena; Covid-19.

1. Considerações iniciais

“Nós, indígenas, continuamos invisibilizadas. Já foram muitos as epidemias virais que exterminaram povos e culturas. Sabemos bem a dor de passar por isso³”. A citação de mulheres indígenas nos ajuda a apresentar o foco central deste artigo: observar como as sociedades indígenas estão publicando conteúdos informativos, em comparação ao

¹ Professora da Faculdade de Comunicação (FACOM) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: vaniatorrescosta@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutora em Ciências Sociais pela UFPA. E-mail: aldacristinacosta@gmail.com.

³ Essa fala compõe o vídeo em que mulheres indígenas cobram atenção das autoridades brasileiras na construção de um plano de emergência contra a disseminação da Covid-19 nas sociedades indígenas. Disponível em: <<http://emergenciaindigena.apib.info/videos-e-podcasts/>> Acesso em 10 jul. 2020.

tratamento das matérias jornalísticas divulgadas diariamente nos meios de comunicação sobre a contaminação da Covid-19. Buscamos compreender que sentidos os indígenas estão produzindo sobre a pandemia, isto é, como esses povos tornam-se protagonistas de um ‘outro’ jornalismo, para fazer frente a sua invisibilidade e vulnerabilidade históricas.

Observamos que esses sujeitos reivindicam uma fala própria que os identifica e os qualifica enquanto povos indígenas, em situação de resistência contra uma narrativa hegemônica que os coloca como homogêneos, ou seja, contra o pensamento que durante muito tempo vigorou e ainda hoje é repetido, de que os indígenas são uma categoria genérica, incapazes de incidir sobre as realidades nas quais se inserem. Nosso *locus* de pesquisa é o site ‘<http://emergenciaindigena.apib.info/>’ - de responsabilidade da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e de um coletivo de organizações indígenas e indigenistas.

Ora, se a pandemia tem atingido de forma grave a população brasileira, em particular, tem sido devastadora para os povos indígenas⁴, uma vez que eles são mais vulneráveis à Covid-19 em virtude de suas condições sociais de isolamento, econômicas e de saúde, que se apresentam de forma precária, com um potencial muito grande de disseminação de doenças.

Ao longo de quase cinco meses, após a pandemia chegar ao Brasil, em fevereiro de 2020, os meios de comunicação concentraram sua cobertura, de Norte a Sul, em quadros especiais e matérias diárias com a finalidade de orientar e fornecer informações sobre a doença às pessoas. Mas as lentes do jornalismo diário mostram o avanço da doença, as medidas adotadas e as mortes provenientes da pandemia sem particularizar, na maioria das vezes, a intensidade com que a Covid-19 atinge determinados segmentos da sociedade, inclusive com frequência temos a compreensão de que a pandemia tem atingido de forma homogênea a todos.

Diante deste cenário, perguntamos: que tipo de comunicação estariam produzindo os povos indígenas nesses tempos de pandemia? E mais: estariam eles fazendo jorna-

⁴ De acordo como site ‘emergenciaindigena’, os números são superiores aos notificados pela Sesai – Secretaria de Saúde Indígena do Governo Federal, que tem contabilizado somente casos em terras indígenas homologadas. A compilação de dados da APIB tem sido feita pelo Comitê Nacional de Vida e Memória Indígena e pelas e pelas Organizações indígenas de base da APIB. Disponível < https://covid19.socioambiental.org/?gclid=Cj0KCQjw9b_4BRCMARIsADMUIypbuMI7SVso4SBQwvHZCmuZQVRtZqFFvXr12dmWjZmV8Td1NGRQbTUaApdrEALw_wcB> Acesso 16 jul. 2020.

lismo? Essas são questões que nos atravessaram quando encontramos as produções e atualizações do site ‘emergênciaindígena’. Trata-se de identificar suas práticas textuais, produções de sentido e os modos como se apropriam dos recursos e possibilidades virtuais para dialogar, diretamente, com seus ‘parentes’, sem mediações de outros sujeitos, mas a partir de suas próprias narrativas, utilizando termos específicos, língua própria, vozes de lideranças e organizações diversas que representam os povos indígenas do Brasil.

Nosso *corpus* de análise são as produções do site e, mais especificamente, os produtos audiovisuais. Dos 17 (dezesete) vídeos identificados, selecionamos 11 (onze) vídeos postados, produzidos tanto pela APIB, como por organizações parceiras, como Mídia Ninja, COIAB- Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira e Amazônia Real, escolhidos por atenderem aos critérios de serem narrados pelos próprios indígenas e terem como temática a pandemia e as consequências da Covid-19 nos territórios indígenas.

No aporte metodológico buscamos amparo na análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013; 2017; COSTA, 2015), identificando esses discursos como narrativas de ‘si’, na mediação entre as experiências dos sujeitos e seus diferentes contextos. Assim, nos apossamos, interpretativamente, do pensamento de Bakhtin (1999; 2010), para refletir e analisar as produções dos indígenas, entre ‘responsividade ativa’ e o juízo de valor dessa compreensão. Ao analisarmos as publicações virtuais desses povos, nos colocamos em diálogo com a produção, mobilizando a compreensão não só da nossa subjetividade, mas também de outras compreensões enunciadas sobre os indígenas na sociedade. Já em Ricoeur (2014), partimos da instituição de uma hermenêutica do si mesmo, que busca compreender o sujeito que enfrenta a questão da identidade pessoal e da identidade narrativa.

2. ‘Emergência Indígena’: comunicação, experiência e resistência

Passamos a observar as práticas comunicativas dos povos indígenas sobre a pandemia da Covid-19, no site ‘emergênciaindígena’, no primeiro semestre de 2020, tendo como amparo o pensamento de Bakhtin (1999; 2010) e sua compreensão ‘responsiva

ativa’, qual seja, o ato real de resposta dessa compreensão. Numa situação de comunicação, compreender significa participar de um diálogo com o ‘texto’, mas também com o receptor. Essa ‘leitura’ é social e individual. Segundo Bakhtin (2010, p. 373-374), a “princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo”. Ao dialogar com a produção de conteúdo indígena, mobilizamos a compreensão não só da nossa subjetividade, mas também de outras compreensões enunciadas sobre os indígenas na sociedade.

Do mesmo modo, avançamos no diálogo entre Bakhtin e Ricoeur, entre a expressão social de um contexto ideológico, constitutivo da identidade do sujeito enquanto autor de um discurso/narrativa, numa perspectiva dialógica em que os sujeitos visam a um processo recíproco de reconhecimento mediante a interposição de falas dotadas de sentidos comuns (ROSSETTI; ROSSETTI, 2014); e alguém que fala algo de outro, com o objetivo de estabelecer uma relação de identidade, de identificação e de reconhecimento mútuo. Entre a ‘responsividade ativa’, de Bakhtin, e o sujeito e a ação de Ricoeur, guardadas as diferenças de pensamentos, nossa interpretação caminha no sentido de entender que é na mediação da realidade pela linguagem, imagética ou textual, que o real apresenta-se semioticamente, isto é, “[...] organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 1999, p. 121), em que o “falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2010, p. 275).

Em Ricoeur são evocados o sentido de identidade narrativa e os níveis de identificação do sujeito, mediante processos de reconhecimento, a partir da hermenêutica do si. Lembramos, segundo Rodrigues (2016), que a linguagem é sempre um processo que o nosso entendimento utiliza para a construção de dispositivos para delimitar um domínio da experiência.

Assim, parte-se da compreensão de que a mídia, diariamente, constrói e difunde interpretações e representações que passam a nortear o sistema de significação dos fatos ocorridos numa determinada sociedade. Ela se configura como uma ‘instituição’ de experiência (COSTA, A., 2017), produzindo um conhecimento direcionado a causar certo

efeito de sentido. Logo, dentro de um composto do processo comunicacional, a mídia possibilita que essa experiência com os fatos divulgados seja dotada de sentidos, como, “igualmente, permite expressar simbolicamente esses mesmos quadros do sentido da experiência” (MATEUS, 2014, p. 58), considerando a ambivalência da relação comunicativa: qualquer ato de comunicação inscreve-se, por isso, “para além da relação observável entre os interlocutores, numa relação de natureza ambivalente às regras que os definem como interlocutores dos actos concretos de comunicação, dando assim sentido àquilo que dizem ou fazem e significação às mensagens e às acções trocadas (RODRIGUES, 1997, p. 69).

A experiência, em Rodrigues (2016), tomada como referência neste artigo, é entendida como um todo, não como uma realidade homogênea, mas percebida como a relação tensional que os seres humanos estabelecem entre si em suas diferentes modalidades. Essa experiência é concebida entre originária, tradicional e moderna⁵. Nessa perspectiva, a comunicação passa a ser entendida por ele, como sintomas da experiência. “Na extensão do conceito de comunicação, compreendo, por conseguinte, o conjunto dos sintomas das tensões que caracterizam a relação entre as diferentes modalidades da experiência” (RODRIGUES, 2016, p. 22). Logo, a comunicação é entendida na perspectiva Bakhtiniana, como “processo dialógico ou como a esfera em que se confrontam, se opõem, se contrapõem, se respondem discursos provenientes de uma multiplicidade de enunciadores”.

Com e para além de Rodrigues, nossas reflexões levam à dimensão comunicativa da experiência dos indígenas com a pandemia, publicadas e acessíveis no ambiente da Internet. A informação construída tem base nas experiências vividas pelos povos, suas culturas e práticas significativas, ou seja, entre a experiência originária, tradicional e moderna de Rodrigues. São eles falando por eles mesmos. Esse fazer se configura numa prática sociocultural que pode fazer emergir possibilidades “contra-hegemônicas,

⁵ A experiência originária seria o domínio formado pela experiência pulsional do comportamento humano, na fronteira entre a natureza e a cultura; a experiência tradicional seria o domínio constituído pelos modos de dizer e de agir que são fundamentados e legitimados em princípios transmitidos; e por último, a experiência moderna seria o domínio formado pelos modos de fazer e de agir que são fundamentados e legitimados por razões, não só independentemente das determinações da experiência originária, mas também muitas vezes em ruptura para com os imperativos impostos pela tradição (RODRIGUES, 2016, p. 18-21).

de resistência, de emancipação, de reivindicação, ocultas muitas vezes como resultado das condições subalternas” (MONSALVE, 2015, p. 24) em que os povos indígenas foram submetidos ao longo da história.

Nelas percebemos, de forma geral, que esses povos recorrem aos recursos *online* para construir uma narrativa própria, contra uma narrativa que ao longo da história os apagou ou os denominou com a alcunha de ignorante, preguiçoso e selvagem (GONDIM, 2007). Como bem enfatiza Monsalve (2015, p. 99), o uso das tecnologias de informação e comunicação tem configurado para os indígenas reivindicações sociais como parte fundamental do exercício de uma cidadania étnica, contra “as trajetórias políticas, de décadas passadas e atrasadas”.

Inferimos que o referido site de entidades, em que estão abrigadas as produções das experiências dos indígenas, configura-se num espaço, por nós designado, de movimento social, aos moldes das reflexões de Melucci (2001), com uma identificação híbrida entre narrativas de resistência, fenômenos discursivos e políticos, referências da vida pessoal, coletiva e a política, e processo de auto identificação que produz e mantém a unidade da ação coletiva, que envolve diferenças e conflitos. E por outro lado, percebemos a inserção desse movimento que articula a presença em ambientes da Internet, com vistas a mudanças no comportamento individual e na ação coletiva, com o objetivo de provocar e modificar normas e instituições que estruturam velhas e novas práticas sociais (CASTELLS, 2015, p. 353).

Castells caracteriza os movimentos sociais dentro de uma lógica de mudança cultural (uma mudança em valores) com objetivos de mudança política (mudança institucional), a partir da incorporação de novos sistemas ao qual os sujeitos não eram pertencentes antes, tais como os recursos tecnológicos de informação e comunicação, utilizados pelos sujeitos na efetivação dessas possíveis mudanças. “Qualquer mudança estrutural nos valores institucionalizados em uma sociedade é o resultado de movimentos sociais, independentemente dos valores propostos por cada movimento” (CASTELLS, 2015, p. 354). Logo, “os movimentos sociais e a política, insurgente ou não, surgem e vivem no espaço público. O espaço público é o espaço de interação significativa da sociedade, onde ideias e valores são formados, transmitidos, apoiados e resistidos; espaço

que, em última instância, se torna um campo de treinamentos para ação e reação (CASTELLS, 2015, p. 355).

3. A Covid-19 e o Plano Emergencial de Enfrentamento

De acordo com o levantamento da APIB, diante da pandemia, os povos indígenas estão em uma situação de grande vulnerabilidade com risco real da Covid-19 causar outro genocídio em comunidades indígenas dentro dos territórios tradicionais. O ‘emergenciaindigena’ apresenta um panorama geral da pandemia entre os indígenas, com um *ranking* dos casos confirmados, número de mortos e povos afetados, com o uso de gráficos, mapas e dados estatísticos que são atualizados diariamente. Até o fechamento deste artigo, mais de 20.809 indígenas estavam infectados, com 599 mortes e 145 povos afetados em todo o território nacional.

Com objetivo de enfrentar a grave situação dos povos indígenas no Brasil, a APIB elaborou um plano emergencial⁶ de enfrentamento da Covid-19 e convoca a participação de todos no apoio e no exercício da solidariedade, considerando que os indígenas estão desprovidos de condições para enfrentar a doença. O documento explica a linha de ação do ‘emergenciaindigena’: “diante de um governo omissivo em relação a proteção dos povos, não nos calaremos diante das ameaças que a Covid-19 representa para nossa sobrevivência. Com o objetivo de denunciar a ação etnocida do Estado brasileiro diante da pandemia da Covid-19 e valorizar a vida e memória dos povos indígenas do Brasil atingidos pelo novo coronavírus”⁷.

Os dados apurados são explicados de forma clara e objetiva a partir do tópico ‘metodologia e rede APIB’⁸. A coleta dos casos, atualizada diariamente, é feita em articulação com diversas organizações indígenas de base que compõem a APIB, entre elas: Organizações indígenas de base da APIB, Frentes de enfrentamento ao Covid-19 organizados no Brasil que colaboram com a APIB, SESAI - Secretaria Especial de Saúde

⁶ As propostas do Plano resultam de dois grandes eventos amplos e realizados virtualmente em 2020 que contaram com a participação de lideranças indígenas, especialistas em saúde e diversas organizações da Sociedade Civil.

⁷ Disponível em: http://emergenciaindigena.apib.info/dados_covid19/. Acesso em 20 jul. 2020.

⁸ Disponível em: http://emergenciaindigena.apib.info/dados_covid19/. Acesso em 20 jul. 2020.

Indígena do Ministério da Saúde, Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde e Ministério Público Federal.

4. A narrativa de ‘si’ na prática e a natureza do jornalismo

Segundo Mateus (2014, p. 62), os princípios da informação jornalística (novidade, brevidade, clareza) contribuem para um distanciamento entre informação e experiência, uma vez que a assimilação da primeira não significa uma integração com a segunda, pois a “informação não penetra nos domínios da tradição, é apenas o reportar de factos imediatos de uma realidade em ebulição”. Para ele, pelo contrário, “a informação é de rápida assimilação opondo-se ao tempo da experiência que se caracteriza por ser lento”. Nesse raciocínio, em diálogo com o pensamento Benjaminiano, Mateus afirmará que a informação, porque é esclarecedora, só é válida enquanto atualidade. Ela se esgota no instante dessa atualidade.

Tal situação nos provoca a pensar sobre os modos de produzir informação e comunicação sobre as sociedades indígenas, a partir do processo de tecnologia da vida social, na pandemia, que segundo Castro (2020, p. 188), tem atingindo direto “as formas de comunicação interpessoal, a sociabilidade, a proxêmica, a privacidade digital, a economia e a cultura das mídias, o jornalismo, a desinformação e os padrões informacionais – transformações essas que dizem respeito, em síntese, às formas e práticas sociais da comunicação”.

Se o jornalismo produz as notícias de forma a ofertar em suas narrativas uma certa homogeneidade sobre os povos indígenas, que não os interessaria, ou melhor, não os atende em seus anseios de existência individual, coletiva e identitária, o ‘emergência indígena’ segue na contramão desses discursos narrativos. No site é possível obter informações que não aparecem no jornalismo dos veículos de comunicação, como suas singularidades e especificidades enquanto povos tradicionais e originários.

As construções dialógicas são pensadas a partir da hermenêutica do ‘si’ mesmo, de Ricoeur (2014), que busca compreender o sujeito que enfrenta a questão da identidade pessoal e da identidade narrativa. A identidade pessoal só se torna possível pela mediação da narração, ou seja, o “reconhecer-se-em contribui para o reconhecer-se-por”

(RICOEUR, 2014, p. 122). O percurso do ‘si’ mesmo está ligado à tomada de responsabilidade, de um engajamento que suporte a travessia da experiência como modo de realização de si. O autor esclarece que o narrar já é um explicar, entre o mesmo e o outro, entre a constituição da ação e a constituição do si.

Para o autor é na configuração da narrativa que se dará a mediação entre concórdância e discordância, característica de toda composição narrativa, a partir da noção da síntese do heterogêneo, em que são “as diversas mediações que o enredo opera – entre o diverso dos acontecimentos e a unidade temporal da história contada; entre os componentes díspares da ação, intenções, causas e acasos e o encadeamento da história” (RICOEUR, 2014, p. 147).

A produção de informações do site segue alguns percursos bastante conhecidos do jornalismo, como a apuração, a redação e a publicação, observando que o jornalismo continua ofertando com mais frequência e espaço a chamada prestação de serviço informativo (MARTINEZ; ROVIDA, 2017), tal qual estão fazendo os povos indígenas neste espaço. Trata-se de ofertar informações atualizadas necessárias e consideradas urgentes em uma situação emergencial, como o contexto de pandemia. Mas, ressaltamos, que as informações produzidas têm um caráter particular de significação ou intencionalidade, isto é, falam de si para si, apesar da evidência de que vão além dessa comunicação dirigida aos povos indígenas, já que estão disponíveis e públicas em ambiente virtual.

As produções imagéticas são uma característica forte do site: o mapa do Brasil, tal qual fazem os telejornais nacionais, é apresentado e dividido de acordo com os casos confirmados da doença entre os indígenas. Encontramos ainda uma cartografia que mostra como a Covid-19 chegou nos territórios e que acusa o Governo Federal pela disseminação do vírus nas aldeias.

O primeiro caso confirmado de contaminação por Covid-19 entre indígenas brasileiros foi de uma jovem de 20 anos do povo Kokama, no dia 25 de março, no município amazonense Santo Antônio do Içá. O contágio foi feito por um médico vindo de São Paulo a serviço da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que estava infectado com o vírus. Hoje os Kokama são os mais afetados em casos de mortes.⁹

⁹ Disponível em: http://emergenciaindigena.apib.info/dados_covid19/. Acesso em 20 jul. 2020.

Zanotti (2010, p. 38) acusa o ‘jornalismo colaborativo’ – a existência de leigos colaborando com jornalistas na produção de notícias - de ainda ser devedor de uma certa criatividade e de “coragem para permitir que ‘leigos’ desvendem o território sagrado do controle da informação”. Os indígenas vem, não só transgredindo esse controle, como fazendo aquilo que ainda é escasso nos meios de comunicação tradicionais. Eles têm convocado os internautas à participação, justificando a emergência de ações para salvar vidas e fortalecer a memória indígena, como se vê na página principal do site, que utiliza o lema ‘vidas indígenas importam’¹⁰, grafado na máscara facial da indígena com olhar triste e apreensivo, na foto principal de abertura da *homepage* (Figura 01).

Figura 1 - Página principal do site ‘emergenciaindigena’



Fonte: <http://emergenciaindigena.apib.info/>

E logo em seguida, o site convoca os internautas a denunciar, produzindo e enviando conteúdo. “Em tempos de pandemia a luta e a solidariedade coletiva que reacendeu no mundo só será completa com os povos indígenas, pois a cura estará não apenas no princípio ativo, mas no ativar de nossos princípios humanos”¹¹. Trata-se de explicitar a importância das populações indígenas no contexto nacional de resistência contra o avanço da doença e, ao mesmo tempo, demarcam a solidariedade como valor capaz de resgatar a humanidade de todos.

5. A narrativa audiovisual: identificação e diferenciação

¹⁰ Uma alusão à onda de protestos antirracistas dos EUA, em 2020, diante da violência policial contra a população negra americana que utilizou como lema ‘Black lives matter’ (Vidas negras importam).

¹¹ Trecho da carta final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena. Disponível em: http://emergenciaindigena.apib.info/dados_covid19/. Acesso em 20 jul. 2020.

As produções audiovisuais foram observadas enquanto narrativa, com significados e interesses do narrador. A análise não se limitou à obra, mas surgiu a partir dela para ser compreendida enquanto ‘atos de fala argumentativos em contexto’ (MOTTA, 2013, p. 122), isto é, da narratologia crítica que leva em conta o protagonismo dos sujeitos interlocutores e suas performances, com a identificação de pistas e traços que levem aos destinatários.

A análise se constituiu em três etapas: transcrição do material para efeito operacional do procedimento analítico, enquanto discurso textual, imagético e sonoro separadamente; resumo de cada vídeo, indicando as palavras-chave e listando seus sujeitos protagonistas; e por último, identificamos as narrativas (início, meio e fim) para compreender como se constituem enquanto estratégias argumentativas. Segundo Motta (2013), uma das tarefas fundamentais do analista é revelar as estratégias do narrador para construir os efeitos de real ou de referenciação. Para o autor, “estratégias de referenciação é o uso de diversos recursos de linguagem no texto narrativo para ancorar a significação na realidade referente” (MOTTA, 2013, p. 200).

Observamos que, devido à situação emergencial e o distanciamento social, boa parte das imagens são, notadamente, de arquivo, embora em apenas alguns vídeos há essa informação. Os materiais foram elaborados de forma didática, alguns com animações, tornando mais ilustrativos os cuidados e a prevenção contra a doença. E os depoimentos dos líderes parecem ser feitos por telefones celulares de forma caseira.

Partimos, na análise narrativa, dos três planos indicados por Motta (2013), na constituição de uma narrativa: o plano da história (conteúdo, enredo, intriga); o plano da expressão (discurso, linguagem); e o plano da metanarrativa (tema, modelos de mundo), com destaque para o plano da história: a sequências das ações, encadeamentos, enredo, intriga, conflito, cenários, personagens, seus papéis ou funções, observados nos 11 (onze) vídeos selecionados (o vídeo mais curto tem 50 segundos e o mais longo tem 3 minutos e 58 segundos).

Identificamos um percurso comum que atravessa o conteúdo das narrativas enquanto estratégias de argumentação e convencimento dos indígenas: a preocupação com a pandemia que está chegando ou já chegou em alguns territórios; a necessidade de atenção, união e proteção redobrada, cuidados de higiene; e a resistência contra a invis-

bilidade e vulnerabilidade dos povos. Os riscos da propagação da doença nos territórios indígenas, o perigo e a necessidade de medidas emergenciais são o ápice do enredo. Os vídeos encerram com pedidos de atenção e a importância de seguir as orientações das lideranças e associações indígenas.

No plano da expressão, identificamos que os vídeos são protagonizados por lideranças indígenas (quatro identificados como líderes e dois apenas com nome e sobrenome¹²). A presença das lideranças nas narrativas é marcante. Elas se alternam enquanto efeitos de real e efeitos de sentido, como a dor, o medo, o perigo da doença, a ameaça e a necessidade de medidas urgentes. Mas diferente do discurso do jornalismo, no qual o narrador é distante, no discurso em questão são os próprios indígenas que orientam e pedem o apoio coletivo de todos os povos para resistir contra o coronavírus. Há uma cumplicidade que atravessa as narrativas: “nós indígenas sabemos que essas doenças se espalham rápido nas aldeias, por isso é importante saber como se combater...” (voz feminina em off e sem identificação)¹³.

Os próprios indígenas produzem os efeitos de real, fazendo com que os povos acreditem na verdade da pandemia, ou seja, em seus depoimentos convocatórios e demonstrativos de intimidade, ao dialogarem com seus ‘parentes’, usando termos reconhecidos pela coletividade indígena. As lideranças falam em língua indígena com e sem tradução em legenda em quatro vídeos¹⁴. Em um dos vídeos (Figura 2), além de falar em língua própria, são os próprios indígenas, enquanto personagens, que orientam com relação à prevenção:

Figura 2 - *Prevenção*

¹² Isso pode nos indicar que por serem bastantes reconhecidos pelos povos indígenas, não necessitam de maiores identificações.

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-KGEXbHnJG/?utm_source=ig_embed. Acesso em 19 jul. 2020

¹⁴ Há um vídeo protagonizado por Zuleiza Tiago – Terena, coordenadora do SESAI de Aquidauna, em linguagem indígena, sem tradução, por isso não foi selecionado para o corpus deste trabalho. Em resumo na página do instagram da APIB¹⁴, o que se diz sobre o vídeo: “essa semana iniciamos o momento de maior contágio da doença, então fiquem na aldeia, e não deixem pessoas de fora circular por ela”.



Fonte: https://www.instagram.com/tv/B-KvluDH30d/?utm_source=ig_embed

Os termos ‘nossos’, ‘nossas’, ‘nós’, ‘nossos territórios’ aparecem com bastante frequência nos vídeos, o que nos indica senso de coletividade destas produções: nós falamos para nossos povos. As narrativas são construídas em primeira pessoa do plural, expondo claramente os interlocutores das narrativas. Falam com os povos indígenas: “queridos parentes”. Ora o tom é de pedido: “a gente pede às lideranças, aos animadores, aos catequistas, nossa rede de comunicadores, presidentes de organizações que possam também conscientizar e informar os parentes nas comunidades, e também poder fazer informação e tradução dos parentes que não falam, não dominam o português” (Marivelton Barroso, pres. da FOIRN – Federação das Orgs. Indígenas do Rio Negro)¹⁵. Ora o tom é imperativo: “cancelem suas participações em encontros fora do Xingu. Isso é muito sério!” (voz masculina sem identificação)¹⁶.

O telejornal como referente aparece em dois vídeos: imagens de doentes e médicos em hospitais e entrevista do diretor da OMS – Organização Mundial da Saúde- pedindo mais precaução aos jovens. Trata-se de estratégias do narrador para construir efeitos de real, assim como imagens de índios tristes em detalhes (Figura 03), associados a músicas que inspiram medo e terror. Os materiais são editados com o sentido claro de produzir engajamento e reconhecimento de si, tal qual aponta Ricoeur (2014).

Figura 3 - *Sequência de supecloses*

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-KtmUiHXf2/?utm_source=ig_embed. Acesso em 18 jul. 2010

¹⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-NkrnlHqDO/?utm_source=ig_embed. Acesso em 18 jul. 2010



Fonte: https://www.instagram.com/tv/B-D3-6ugMVZ/?utm_source=ig_embed

O uso de desenhos e animação é mais um recurso utilizado, como neste vídeo (Figura 4), produzido pela COIAB- Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.

Figura 4 – O uso da animação



Fonte: https://www.instagram.com/tv/B-KGEXbHnJG/?utm_source=ig_embed

Observa-se o uso da animação para facilitar a compreensão da pandemia, explicando o que é a Covid-19, os principais sintomas e como combater. Todos os personagens ilustrados são identificados com traços e adereços indígenas, como o uso de cocar, cabelos lisos, pinturas corporais. A linguagem é direta e os termos são adaptados ao cotidiano indígena: “para as pessoas que estejam com sintomas de infecção respiratória, você deve separar cuias, copos, canecas, pratos”.

Chegamos ao plano da metanarrativa (MOTTA, 2013), no qual identificamos as questões de fundo, o contexto. A diferença é produzida explícita ou implicitamente: nós x brancos. “Estou falando agora sobre hiper doença. Os brancos chamam como corona-

vírus” (Jair Kuikuro¹⁷). Não se trata de opostos em conflito, mas ao produzir a diferença, ela se instala e demonstra como esses povos vem constituindo suas identidades em relação aos não indígenas. Há trechos de claro protesto contra a invisibilidade e o não reconhecimento dessas diferenças. A dor do passado é retomada no presente, como lembrança e resistência que fortalece. “Juntos todos os povos continuarão vivos e fortes para continuar enfrentando as doenças dos brancos como já fazemos há 520 anos” (voz não identificada)¹⁸.

Os povos são nomeados em suas diferenças, como no vídeo da APIB, em que uma voz em *off* nomeia uma por uma as etnias do Xingu, após a convocação inicial: “pedimos atenção de todos os Xinguanos sobre o novo Coronavírus”. E ao final, encerra: “esse é meu recado para 16 etnias do Xingu”.¹⁹ Bem diferente do que produzem os telejornais em rede ao nomearem, simplesmente, indígenas.

6. Um outro jornalismo possível: algumas considerações

Esta pesquisa não é o fim, mas um início de reflexão de como a pandemia tem sido um divisor de águas, pois atingiu e ainda atinge todos os contextos econômico, político, ambiental, cultural, comunicacional e social, uma vez que fez emergir questões diversas sobre as sociabilidades humanas, assim como mudanças de comportamento na compreensão das individualidades.

Se a Covid-19 mostrou a importância do jornalismo na cobertura dos fatos, na informação da sociedade, reorientando o valor social desse campo profissional, ao mesmo tempo, fez emergir proposições de mudanças sobre o falar de determinados sujeitos que compõem essa mesma vida social, entre eles, os povos indígenas no Brasil. Lembramos o que nos dizem Berger e Luckmann (2000, p.39), de que “a realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes ‘aqui e agora’. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal”.

¹⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-D3-6ugMVZ/?utm_source=ig_embed. Acesso em 20 jul. 2020.

¹⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-8FoIvHG6/?utm_source=ig_embed. Acesso em 20 jul. 2020.

¹⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-NkrnlHqDO/?utm_source=ig_embed. Acesso em 20 jul. 2020.

O cotidiano das mais de 250 etnias²⁰ do Brasil pulsa em cada narrativa, que ao separar, eleger e excluir conteúdos arranca o tempo narrado da indiferença (RICOEUR, 2010). A busca e a defesa da visibilidade que atravessa os vídeos observados são tecidos em cada diálogo que expõe a consciência de si e a importância dos povos indígenas para o Brasil. No presente das narrativas, o medo e o perigo da doença reacendem as lembranças do passado enquanto dor e perda. O futuro, enquanto expectativa, é acionado como ameaça e tristeza caso as sociedades indígenas não recebam a merecida atenção no presente.

Observamos que nessa construção de si são evocadas produções simbólicas que vão desde a identidade, o sentimento de pertença, o processo de identificação ou de diferenciação, a definição de si mesmo contra as formas de exclusão. O caráter da narrativa está alicerçado na experiência que o sujeito faz de si mesmo, mediante a produção e a interpretação de sua história, apropriando-se do mundo social e definindo seu lugar.

Os indígenas, nos vídeos produzidos, deixam uma lição de uso responsável das tecnologias de informação e comunicação ao configurarem em atos de fala suas diferenças e emergências. A subjetividade das produções audiovisuais expõe o protagonismo dos povos e seus modos de resistência coletiva, construindo os indígenas ao mesmo tempo como narrador e personagem de sua própria história. São eles que querem contar, explicar, traduzir no presente da narrativa.

Essas reflexões, a partir dos dados empíricos e embasamento teórico, nos permite vislumbrar que um ‘outro jornalismo’ faz-se necessário e urgente. Um outro texto que dê conta de falar ‘com’ esses povos e não apenas falar ‘sobre’. Falta uma escuta mais atenta, menos apressada e desarmada que permita com que a narrativa seja uma consequência da necessidade do diálogo entre aqueles que se consideram ‘parentes’, e não apenas o produto noticioso que contabiliza a superficialidade e prioriza a intriga.

Ficou claro pra nós que não se trata de concluir que o ‘emergenciaíndigena’ está fazendo jornalismo. Não é essa a questão principal. A riqueza do que eles estão produzindo nos diz que o jornalismo das grandes redes não os atende e não tem credibilidade, o que os motiva a produzir seus próprios conteúdos ‘traduzidos’ de acordo com suas necessidades e utilizando ferramentas do próprio jornalismo, como a apuração e a exati-

²⁰ Disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos. Acesso em 29 jul. 2020.

ção dos números. Nesse sentido, seria um ‘outro jornalismo’ protagonizado não por jornalistas, mas por aqueles que historicamente vinham apenas sendo narrados enquanto personagens desbotados. Em suas narrativas, narrador e personagem protagonizam e performatizam uma nova configuração do presente em nome de uma memória comum e de um futuro que os salve.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF M. Fontes, 2010.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas**: magia, técnica, arte, política. V 1. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne; revisão de tradução de Isabela Machado de Oliveira Fraga. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CASTRO, Fábio Fonseca. Impactos da Covid-19 sobre os processos comunicacionais: primeiras observações sobre dinâmicas, impasses e riscos. Paper do NAEA, Volume 29, Nº 1, p. 86-101, (Dossiê Crise e Pandemia), 2020.
- COSTA, Vânia Torres. Quando a imagem fala e o texto grita: reflexões sobre modos de narrar no jornalismo televisivo. **Revista Culturas midiáticas**. Ano VIII, n. 15 - jul-dez/2015. Disponível em: <file:///C:/Users/vania/Documents/Publica%C3%A7%C3%B5es/ARTIGOS%20E%20CAP%C3%8DTULOS%20PUBLICADOS/CULTURAS%20MIDI%C3%81TICAS%202015%2027208-58063-1-PB.pdf>.
- COSTA, Alda Cristina S. da. **Projeto de pesquisa Mídia e Violência**: percepções e representações na Amazônia. 2017.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- MATEUS, Samuel. Experiência e comunicação em Walter Benjamin. **Revista Interin**. Curitiba, v. 17, n.1, p. 57- 66, jan. /jun. 2014.
- MARTINEZ, Mônica; ROVIDA, Mara. Diálogos transformadores: aproximações entre as narrativas etnográficas, psicológicas e jornalísticas. In: SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana. **Narrativas midiáticas contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. P. 189-199.
- MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**: Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- MONSALVE, James. **Organizações regionais indígenas, cidadania e tecnologias de (des)informação e (in)comunicação na Pan-Amazônia**. Orientadora, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. Tese de Doutorado. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA/UFPA. 262 p. – 2015.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno. **Narrativa e media**: géneros, figuras e contextos. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/43463/1/Narrativa%20e%20Media.pdf#page=46>. Acesso em 25 jul. 2020.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. V. 2.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação**. Lisboa. Editorial Presença, 1997.

_____. Comunicação e experiência. In: BRUCK, Mozahir Salomão, OLIVEIRA, Max Emiliano (orgs.). **Atividade comunicacional em ambientes mediáticos**: reflexões sobre a obra de Adriano Duarte Rodrigues. São Paulo: Intermeios, 2016.

ROSSETTI, Regina; ROSSETTI, Ricardo. Sentido, argumentação e identidade narrativa: intersecções entre Bakhtin, Perelman e Ricoeur. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação Vol. 2, nº 4, p. 80-88, julho-dezembro/2014.

ZANOTTI, Carlos Alberto. Periodismo colaborativo, géneros jornalísticos e critérios de noticiabilidade. **Revista Comunicação Midiática**. V.5. n.1. p 28-41. Set./dez. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/vania/Downloads/352-Texto%20do%20artigo-1129-1-10-20181221.pdf>.

Acesso em 28 jul. 2020.